

DIÁLOGOS SOBRE CIÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

ENTREVISTA COM O DOUTOR ROGÉRIO LEANDRO LIMA DA SILVEIRA¹

A presente entrevista se insere no âmbito do projeto de pesquisa “Diálogos sobre Ciência do Desenvolvimento Regional”, que conduz entrevistas escritas e gravadas (em plataforma virtual) com destacados pesquisadores da Área de “Planejamento Urbano e Regional e Demografia” – Plurd – área de conhecimento científico da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes –, coordenado por docentes do programa de Mestrado/Doutorado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado.

As entrevistas escritas e virtuais objetivam: a) Compreender a trajetória histórica, social, política e econômica dos debates sobre desenvolvimento; b) Analisar as variações conceituais decorrentes da interface das diversas áreas do conhecimento na constituição do discurso científico do desenvolvimento; c) Conceber aspectos constitutivos da área da Plurd e de sua condição estratégica ao acolher programas de *stricto sensu* de “Desenvolvimento Regional”; d) Constituir registro escrito sobre a Ciência do Desenvolvimento Regional, disponível ao público interessado nas questões, debates, pesquisas e conhecimentos promovidos por esta área do conhecimento.

Esta é a quarta entrevista publicada da série “Diálogos sobre Ciência do Desenvolvimento Regional”. O entrevistado é o doutor e pesquisador Rogério Leandro Lima da Silveira. O professor Rogério é geógrafo graduado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Possui Mestrado e Doutorado em Geografia Humana pela Universidade Federal de Santa Catarina, e Pós-Doutorado em Geografia e Planejamento Regional pela Universidade Nova de Lisboa, com bolsa da Capes (BEX 7352/14-0). É pesquisador do CNPq e pesquisador-visitante do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa – Cics. Nova. Atua como professor titular e pesquisador do Departamento de Ciências, Humanidades e Educação, e pesquisador e orientador no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado – da Universidade de Santa Cruz do Sul. É líder do Grupo de Pesquisa e Estudos Urbanos Regionais (Gepeur – CNPq), coordenador do Observatório do Desenvolvimento Regional e integra a Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe), a Rede de Pesquisa sobre as Pequenas Cidades (Mikripoli) e a Rede Brasileira de Pesquisa e Gestão em Desenvolvimento Territorial (Rete). É editor da Redes – Revista sobre o Desenvolvimento Regional, do PPGDR-Unisc. Possui experiência como pesquisador nas áreas de Geografia Urbana, Geografia Regional, Geografia Econômica, Desenvolvimento Regional e Planejamento Urbano e Regional, atuando principalmente nos seguintes temas de pesquisa: desenvolvimento regional, planejamento territorial,

¹Doutor em Geografia Humana. Pós-Doutor em Geografia e Planejamento Regional. Professor titular e pesquisador do Departamento de Ciências, Humanidades e Educação, e pesquisador e orientador no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - Mestrado e Doutorado, da Universidade de Santa Cruz do Sul. Rio Grande do Sul. Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1003-9470> E-Mail: rlls@unisc.br

desenvolvimento urbano, urbanização em cidades médias, policentrismo funcional e coesão territorial, rede urbana, redes e organização territorial.

Para o professor Rogério Leandro Lima da Silveira, “... de modo geral, nos últimos 60 anos, a ideia ou o sentido dominante de desenvolvimento, vivenciada hegemonicamente na sociedade capitalista, e presente no discurso dos agentes políticos, dos setores empresariais e da mídia em geral tem se caracterizado por valorizar o mecanicismo e a linearidade contidos na ideia de progresso e uma crença absoluta no racionalismo e no determinismo como modo de controle e de expansão do processo de desenvolvimento. Outra característica nesse período tem sido a de significar o desenvolvimento essencialmente como crescimento econômico, sendo este o principal objetivo e parâmetro a perseguir, valorizando sua dimensão quantitativa associada a ganhos materiais”.

A seguir, a entrevista na íntegra.

1. O professor poderia nos apresentar aspectos que considera relevantes de sua trajetória acadêmica?

Minha formação acadêmica inicia com a Graduação em Geografia (Bacharelado) na PUC-RS, em 1981, onde pude conhecer e apreender as bases teóricas e metodológicas da Ciência Geográfica, e desenvolver os passos iniciais na investigação científica, sobretudo na temática da produção social do espaço urbano e da segregação urbana. Posteriormente, no curso de Especialização em Geografia Urbana e Ambiental, promovido pela UFRGS, avancei os estudos sobre geografia urbana e sobre a temática da segregação socioespacial urbana, pesquisando esse processo na cidade de Porto Alegre. No final dos anos 80, iniciei minha trajetória como docente e pesquisador na então Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, e desde 1992, já como Universidade de Santa Cruz do Sul. Foi uma mudança importante na minha carreira acadêmica, pois a trajetória da instituição com uma atuação comprometida com o desenvolvimento da comunidade regional, me oportunizou participar de projetos em prol do planejamento e do desenvolvimento regional, e me estimulou a redirecionar meus estudos e pesquisas sobre a dinâmica urbana e regional e sobre o processo de planejamento regional. Em meados dos anos 90 realizei meu Mestrado em Geografia na UFSC, aprofundando os estudos urbanos sobre as dinâmicas de urbanização e de periferização e segregação urbana, analisando esse processo em Santa Cruz do Sul. Durante os anos 90 tive a oportunidade de representar a Unisc no Conselho Regional de Desenvolvimento do Vale do Rio Pardo, que permitiu-me aliar a discussão teórica e metodológica desenvolvida com ações práticas na construção e coordenação de projetos e planos estratégicos de desenvolvimento regional. Entre 2002 e 2007, realizei meu Doutorado em Geografia na UFSC, aprofundando os estudos teóricos sobre os processos de globalização e de regionalização e sobre as políticas de desenvolvimento urbano e regional, com a realização da tese de Doutorado sobre a dinâmica relacional existente entre a constituição do complexo agroindustrial do tabaco e formação territorial e o desenvolvimento regional na Região do Vale do Rio Pardo. Cabe também destacar que, ao longo dos últimos 20 anos, a oportunidade de liderar o Grupo de Pesquisa e Estudos Urbanos e Regionais tem sido de fundamental importância para avançar a pesquisa e a reflexão teórica e metodológica sobre como se apresentam os processos e as políticas de desenvolvimento urbano e regional,

notadamente em cidades médias e em regiões do Rio Grande do Sul. Outro aspecto a destacar tem sido as oportunidades e as experiências adquiridas na realização de assessorias e na coordenação de planos regionais de desenvolvimento mediante atividades de extensão junto aos Conselhos Regionais de Desenvolvimento, no Rio Grande do Sul. O ingresso, em 2008, no PPGDR-Unisc como professor do Programa, possibilitou-me realizar orientações de dissertações e teses, bem como desenvolver pesquisas interdisciplinares com meus colegas, qualificando minha formação acadêmica, e me estimulando a direcionar meu trabalho de pesquisa para o campo do desenvolvimento regional. Por fim, também devo mencionar que a experiência na gestão superior vivenciada como coordenador de pesquisa e como Pró-Reitor de Pesquisa e de Pós-Graduação da Unisc possibilitou-me conhecer melhor a estrutura e o funcionamento da dimensão da pesquisa e da Pós-Graduação, e assim colaborar no desenvolvimento da política de pesquisa e de Pós-Graduação da Unisc e, mais recentemente, na coordenação do PPGDR-Unisc.

2. Em que momento despertou no professor o interesse pela pesquisa em torno da temática do desenvolvimento?

O interesse pelo desenvolvimento se deu, inicialmente, com a realização do Mestrado e de Doutorado, em que a temática da urbanização e do desenvolvimento urbano e regional se apresentaram como objeto de pesquisa, mas também foi motivado pela minha participação e coordenação em projetos de extensão da Unisc, quando atuava como coordenador de extensão, em meados dos anos 1990. Este momento oportunizou-me conhecer e colaborar com os processos de planejamento e desenvolvimento da Região do Vale do Rio Pardo, e também de participar como Secretário, e depois Presidente, do Conselho Regional do Vale do Rio Pardo. Além disso, também integrei a Comissão Organizadora da proposta de criação do curso de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Unisc, em 1993, que foi o primeiro curso dessa área a ser criado no país, em 1994. Essa experiência prática no âmbito da gestão superior da Unisc e nas ações de extensão, aliada aos meus estudos sobre o desenvolvimento urbano e regional, foram fundamentais para consolidar o interesse e a prática de pesquisa sobre o desenvolvimento, notadamente sobre o desenvolvimento urbano e regional. Nos últimos anos, tenho concentrado meus projetos de pesquisa sobre o papel e as relações que as cidades intermediárias estabelecem nas regiões onde estão inseridas, e os reflexos dessa dinâmica relacional nos processos de desenvolvimento regional.

3. Em que ano o professor ingressou na área Planejamento Urbano e Regional, Demografia e Desenvolvimento Regional? E quais as características desta área naquele momento?

Eu ingressei no PPGDR-Unisc em 2008, como professor colaborador do Programa e depois, em 2009, passei à condição de docente permanente. Naquele momento, vivíamos no Brasil um período de expressivo crescimento da Pós-Graduação no país, com uma política federal de forte apoio à pesquisa e à expansão da Pós-Graduação. A nossa área de Plurid

apresentava naquele momento um grande incremento de novos PPGs, sobretudo na subárea de Desenvolvimento Regional, com a aprovação pela Capes de novos cursos de Mestrado e de Doutorado que apresentavam como área de concentração o Desenvolvimento Regional, mas também o Desenvolvimento Territorial e o Planejamento Territorial e Regional. Uma característica importante dessa expansão foi, sem dúvida, o fato de serem PPGs criados em universidades localizadas no interior do território brasileiro, em regiões próximas ou mesmo distantes das áreas metropolitanas, buscando dar conta de uma demanda de formação de recursos humanos qualificados que pudesse contribuir para o desenvolvimento e o planejamento dessas regiões. Em minha opinião, esse processo foi de fundamental importância para a expansão territorial e consolidação da Pós-Graduação na área de Plurd, que até então se circunscrevia aos PPGs de IES localizadas nas capitais e principalmente ligadas às subáreas do Planejamento Urbano e secundariamente da Demografia. Essa expansão, sem dúvida, também teve relação com o processo de desenvolvimento econômico e social que o país apresentou naquele período, principalmente entre 2006 e 2014, bem como com a retomada das políticas de planejamento e de desenvolvimento regional e a política de interiorização do Ensino Superior no país, promovida pelos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff.

4. Antes da constituição da área Planejamento Urbano e Regional, Demografia e Desenvolvimento Regional, em que áreas do conhecimento se concentravam as pesquisas e debates sobre o desenvolvimento regional?

Penso que a produção do conhecimento sobre essa temática do Desenvolvimento Regional se realizava principalmente, ainda que de modo fragmentado, em alguns campos disciplinares como o da Economia, notadamente por meio da Macroeconomia e da Economia Espacial, e da Geografia, especialmente a Geografia Econômica.

5. Em sua perspectiva analítica, quais as diferenças entre as concepções de desenvolvimento pesquisadas, analisadas e debatidas ao longo do século até fins da década de 80 em relação às pesquisas e debates do desenvolvimento regional pós anos 90 do século 20?

Penso que de modo geral, nos últimos 60 anos, a ideia ou o sentido dominante de desenvolvimento, vivenciada hegemonicamente na sociedade capitalista, e presente no discurso dos agentes políticos, dos setores empresariais e da mídia em geral, tem se caracterizado por valorizar o mecanicismo e a linearidade contidos na ideia de progresso, e uma crença absoluta no racionalismo e no determinismo, como modo de controle e de expansão do processo de desenvolvimento. Outra característica nesse período tem sido a de significar o desenvolvimento essencialmente como crescimento econômico, sendo este o principal objetivo e parâmetro a perseguir, valorizando sua dimensão quantitativa associada a ganhos materiais. Tal sentido é também uniformizante e centralizador, na medida em que é promovido pelos segmentos hegemônicos que concentram e dominam os meios de controle, de planejamento e de produção, não respeitando a diversidade cultural, ambiental e territorial e ignorando ou destruindo formas

alternativas de desenvolvimento existentes nos diferentes espaços e regiões do mundo. Na Conferência das Nações Unidas para o Meio ambiente e Desenvolvimento, realizada em 1992, no Rio de Janeiro, foi declarado um novo compromisso das nações, com a busca e a promoção do desenvolvimento sustentável. Desde então, embora tenhamos tido experiências exitosas de educação e gestão ambiental visando a prevenção dos impactos ambientais e a preservação ambiental, o discurso do desenvolvimento sustentável ainda se apresenta de modo ambíguo e as vezes vazio, ao não modificar a direção do desenvolvimento para o crescimento econômico e para a industrialização. Em tal discurso, quase não se menciona nesse novo discurso a ideia de produzir-se menos. No final dos anos 90, dentre os esforços para se desvincular a ideia de desenvolvimento de concepções e parâmetros meramente econômicas, de um lado, e de outro, não se restringir aos componentes ambientalistas, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) propõe, com base nas contribuições de Amartya Sen, a noção de desenvolvimento humano, estabelecendo, assim, um novo sentido ao desenvolvimento. Tal noção se apresenta como um desenvolvimento que não gera apenas crescimento, mas que também distribui seus benefícios equitativamente; que regenera o meio ambiente em vez de destruí-lo; que potencializa as pessoas ao invés de marginalizá-las, ampliando suas opções e oportunidades, e permitindo a elas a participação nas decisões que afetam suas vidas. De todo modo, pensamos que o conceito de desenvolvimento se encontra atualmente em um momento histórico de transição entre a tradicional concepção vinculada ao crescimento econômico e à conquista e ganhos materiais, passíveis de quantificação, e as novas concepções de desenvolvimento, associadas a um processo e estado intangíveis, subjetivos e intersubjetivos, relacionados mais às atitudes do que às conquistas materiais, e que também levam em conta a necessária preservação ambiental. No que se refere especificamente ao desenvolvimento regional, pensamos, inspirados em Sérgio Boisier, que ele deva ser concebido como um processo de mudança estrutural localizado num dado território (notadamente na escala regional), que necessariamente deve combinar três dimensões de mudança: a espacial, a social e a individual. Esse processo de mudança deve ser entendido pela transformação sistemática do território regional em um sujeito coletivo; pelo fortalecimento da sociedade civil e a obtenção de uma percepção de pertença regional e pela remoção de toda a classe de barreiras que impeçam as pessoas que habitam a região de alcançar sua plena realização como pessoa humana e de poder exercer seus direitos plenos de cidadão. Também pensamos que os processos e políticas de desenvolvimento regional devam ser produzidos e instituídos desde o território concreto das regiões.

6. Como você caracterizaria a ciência do desenvolvimento regional produzida na atualidade?

Penso que na atualidade, a ciência do desenvolvimento regional, de um modo geral, apresenta-se estruturada em duas vertentes principais de pensamento. Uma primeira vertente, que nos parece ainda hegemônica, via de regra associa o desenvolvimento regional ao processo de superação das desigualdades sociais e territoriais por meio da promoção do crescimento econômico pelos países e regiões. Nessa vertente, a dimensão econômica é a principal perspectiva, e muitas vezes a única a ser considerada na fundamentação e implementação das políticas de desenvolvimento. Já na segunda vertente de pensamento, à qual nos filiamos, se entende que o desenvolvimento regional deva ser visto como um processo que precisa estar

assentado na cultura, na natureza e nos valores ético-ideológicos do território regional. Assim, as particularidades e especificidades regionais tornam-se atributos e ativos territoriais próprios a cada região, que precisam ser valorizados enquanto diferenciais e especificidades que darão sustentação a dinâmicas de desenvolvimento próprias e específicas a cada região. Também pensamos que o desenvolvimento regional só poderá ser alcançado mediante a ampla e representativa participação social dos diferentes segmentos da sociedade civil no processo de decisão e construção regional, garantindo a adaptação e a reação às constantes mudanças e ameaças do dinamismo global, mas também possibilitando a proposição de ações autônomas.

7. Em sua perspectiva, quais os principais desafios para a ciência do desenvolvimento regional na atualidade?

Penso que são vários os desafios atualmente existentes para o avanço da ciência do desenvolvimento regional. Um primeiro se refere à necessidade de se superar as abordagens, as pesquisas e as reflexões científicas predominantes ainda nesse campo, desde uma lógica disciplinar para uma outra, mais aberta, inter ou transdisciplinar, dada a natureza ampla e complexa do objeto de estudo. Um segundo desafio diz respeito à necessidade de se buscar construir um léxico comum assentado em um sistema de conceitos e categorias centrais para a pesquisa nessa área, construídas, validadas e compartilhadas por meio da pesquisa e da sua aplicação empírica à realidade regional, que possam ajudar a estruturar um referencial teórico e metodológico robusto e consolidado pelos estudos e pesquisas realizadas desde a periferia, ou seja, desde as universidades e centros de pesquisa localizados na periferia do sistema de produção do conhecimento. Ligado a esse último, temos também um terceiro desafio, que tem a ver com a necessidade e a importância de se realizar estudos comparados sobre os processos e políticas de desenvolvimento regional em diferentes regiões e territórios, superando as dificuldades e limitações existentes quanto ao financiamento para projetos de pesquisa em rede. Por fim, no caso brasileiro, o desafio maior é podermos desenvolver a pesquisa e a formação de novos pesquisadores mesmo diante do atual contexto negacionista, de ataque à ciência e de sucateamento das suas principais agências de fomento.

8. Quais autores ou pensadores são suporte teórico (das diversas áreas) para sua construção do pensamento na área do Desenvolvimento Regional?

Nas minhas reflexões e produções científicas sobre o desenvolvimento regional, notadamente sobre o desenvolvimento urbano e regional, que é a dimensão a qual mais tenho me dedicado a estudar, há sem dúvida um conjunto de pensadores e intelectuais importantes que trazem, com suas obras, contribuições que auxiliam a estruturação do meu pensamento e da minha elaboração intelectual sobre essa temática. Dentre eles, destaco os geógrafos Milton Santos, Roberto Lobato Corrêa, David Harvey, Georges Benko, Neil Brenner, Neil Smith, Edward Soja e João Ferrão; os economistas Celso Furtado, Sérgio Boisier, José Reis, Roberto Camagni, Victor Ramiro Fernández e Carlos Antônio Brandão; e os sociólogos Henri Lefebvre, Pierre Musso, Jane Jacobs e Antony Giddens.

**9. Percebe a existência de embates teóricos na área do Desenvolvimento Regional?
Em quais temas?**

Penso que há alguns embates teóricos na área do desenvolvimento regional, e isso tem a ver justamente com as distintas vertentes de pensamento que fundamentam e estruturam nossos PPGs e nossos grupos de pesquisa. Uma delas se refere às diferentes perspectivas de análise e de ação para promover o desenvolvimento regional. De um lado, temos os que pensam o desenvolvimento regional desde uma valorização da lógica econômica locacional, priorizando a integração econômica da região às cadeias globais de valor, em que o território e a região são meros substratos espaciais ou fonte de recursos. Do outro lado, temos aqueles que valorizam a dimensão territorial da região em seu processo histórico de formação, por meio de seus aspectos ambientais, culturais, sociais, políticos e econômicos, e destacam a importância de se valorizar os seus ativos, os seus atributos, os seus agentes e as suas instituições, e a construção coletiva e participativa dos mesmos, em processos horizontais, democráticos e sustentáveis de desenvolvimento.

10. Considera uma rede internacional de debate na área do Desenvolvimento Regional? Quais autores e países estão envolvidos nessa dinâmica?

Penso que ainda não há uma rede internacional de debate sobre o desenvolvimento regional, que seja representativa do conjunto das IES e instituições de pesquisa que atuam no ensino e pesquisa em desenvolvimento regional, e que tenha uma abrangência espacial que contemple os cinco continentes. Penso, no entanto, que atualmente existem algumas iniciativas importantes de redes de pesquisadores articulando pesquisadores de alguns países que têm trabalhado com a temática do desenvolvimento regional desde diferentes perspectivas e recortes temáticos. Uma delas é o *Regional Studies Association*, que tem fomentado a organização de redes de pesquisa como a de Regiões Urbanas Policêntricas (*Polycentric Urban Regions – PURs*), liderada pelos pesquisadores Evert Meijers (Holanda), John Harrison (Inglaterra) e Xingjian Liu (China). Outra rede é a de Desenvolvimento, Espaço e Capitalismo Global (*Desarrollo, espacio y capitalismo global*), apoiada pela Clacso, e sob a coordenação de Victor Ramiro Fernández (Argentina) e Carlos Antônio Brandão (Brasil).

Alexandre Assis Tomporoski
Cintia Neves Godoi
Jairo Marchesan
Sandro Luiz Bazzanella

Como citar esta Entrevista: SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. Diálogos sobre Ciência do Desenvolvimento Regional. [Entrevista Cedida a] Alexandre Assis Tomporoski, Cintia Neves Godoi, Jairo Marchesan, Sandro Luiz Bazzanella. **DRd - Desenvolvimento Regional em debate**, v. 12, ed. esp. 3, p. 26-32, 21 dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.24302/drd.v12ied.esp.3.4264>

Entrevista recebida em: 12/05/2022

Entrevista aprovada em: 30/11/2022

Entrevista publicada em: 21/12/2022